

Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM



Lourdes
Sprenger



Mônica
Leal



Aldacir
Oliboni



Cláudia
Araújo



Psicóloga
Tanise
Sabino



Ramiro
Rosário

029ª COSMAM 10SET2024

Pauta: Setembro Verde e Setembro Amarelo.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): (10h14min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM. Bom dia a todos. Hoje, o nosso tema é Setembro Verde e Setembro Amarelo, uma proposição minha e da Ver.^a Tanise, mas toda a comissão tem envolvimento com esse tema, e agradecemos as presenças aqui dos convidados. Setembro Verde, para fazer um registro, são campanhas feitas para a conscientização da importância da doação de órgãos. Eu quero ressaltar que, no ano de 2023, mais de 440 captações de órgãos ocorreram, e isso é muito bom para nós sabermos e até é uma reflexão para quem não está inscrito como doador repensar essa questão que salva outras vidas. A intenção dessa comissão é dar essa visibilidade a essa questão de doação de órgãos, também nós teremos aqui outras informações de como isso se procede para que fique essa informação à população, tendo em vista que essa reunião é televisionada. Também quero dizer que aconteçam cada vez mais todos esses eventos para chamar a atenção da doação de órgãos. O Setembro Amarelo é um tema muito delicado, é um tema que, quando ocorre, desestrutura famílias, deixa culpas, que é o suicídio. E eu vejo casos de como é difícil se detectar e como é difícil se ter um atendimento, considerando a população para evitar essa triste realidade

que é encurtar a vida. Chamar atenção que essa campanha é de 2024, Atenção aproxima as pessoas, realmente muitas vezes o acolhimento, o carinho e a atenção desviam as pessoas desse fim trágico.

Estão presentes o Ver. Ramiro, o Ver. Oliboni, a Ver.^a Tanise, temos quórum para iniciar e já, de imediato, eu vou chamar para compor a Mesa: a Sra. Marta Fadrique, da Secretaria Municipal de Saúde; Sra. Ana Cristina Tietzmann, presidente da Associação de Psiquiatra do Rio Grande do Sul; Sra. Arlei Marcia Weide, coordenadora regional do CVV – Centro de Valorização da Vida – que sempre nos visita aqui; Sr. Vilmo de Tomas, da ANPPT – Associação Nacional de Pré e Pós-Transplantados; Sra. Elisângela Fliegner, coordenadora da Casa de Passagem São Lucas, e Sr. Carlos Marques. Nós temos outros convidados que, assim que forem chegando, a nossa secretária vai nos informando. Seu Alan Lanzarin, do Colégio Notarial; a Sra. Chris Alves, do Hospital São Pedro. A nossa observação é que, quando forem falar, sempre se identifiquem para ficar nas notas taquigráficas. Antes de dar continuidade, vou passar a palavra para a Ver.^a Tanise, que também é proponente dessa reunião.

VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Bom dia. Bom dia a todos. Saudar aqui a Presidente da nossa comissão, Ver.^a Lourdes, minha colega de bancada; o Ver. Ramiro Rosário; o Ver. Oliboni. Saudar os nossos convidados, eu vejo a Elisângela da Casa de Passagem que trouxe a Marta, o Carlos. Saudar também aqui o Vilmo; o Dr. Alan; a Arlei do CVV, querida amiga; Marta Fadrique da coordenação da Saúde Mental, que eu estou sempre em contato com a Marta; a Ana também da Associação de Psiquiatra do Rio Grande do Sul; e a Chris Alves do Hospital São Pedro. Dizer que essa pauta é proposta por nós, eu e a Ver.^a Lourdes, o Setembro Verde e o Setembro Amarelo. O Setembro Amarelo é o mês de prevenção ao suicídio, Ver.^a Mônica que também tem chegado aqui. Essa é uma pauta que eu trabalho muito aqui na Câmara de Vereadores, aqui eu sou presidente da Frente Parlamentar de Prevenção ao Suicídio e Autolesão, e, durante este tempo aqui na Câmara, nós temos realizado diversas ações, como caminhadas. Hoje é uma lei municipal minha.

Sempre no primeiro domingo do mês de setembro tem que ser realizada a caminhada Juntos pela Vida, nós já realizamos nesse mês, foi no primeiro de setembro deste mês, uma caminhada muito bonita com a presença do nosso prefeito, o secretário da Saúde para marcar essa pauta na agenda da cidade. Esse tema nós precisamos estar falando sempre e quando a gente fala sobre o Setembro Amarelo, que é a questão da prevenção no suicídio, nós estamos falando sobre saúde mental, e quando a gente fala sobre saúde mental, quero salientar também que este governo implantou um programa chamado Incluir+POA, que é um programa que tem 27 psicólogos nas escolas, e não tinha até então; era zero psicólogo nas escolas, zero, não tinha nenhum psicólogo nas escolas, nas 99 escolas. E hoje nós temos esse programa que tem 27 psicólogos, e quando tem um psicólogo nas escolas, ele previne *bullying*, previne autolesão, previne suicídio. Então é uma série de ações de prevenção e promoção da saúde mental. Eu acho que dessa forma nós já estamos atuando como uma ação, como uma política pública de prevenção ao suicídio. Tenho certeza que a Marta também vai falar sobre a rede de saúde mental, os CAPS, temos 15 CAPS, mas a Marta tem notícia boa aí para dizer, tem mais três CAPS vindo também. Eu acho que isso vai fortalecer a rede, além das equipes de saúde mental. E dizer que este mês então é do Setembro Amarelo, é o mês de conscientização, de chamar atenção para tocar realmente nesse assunto. A nossa equipe vai estar hoje, às 12h, dia 10 de setembro, que é o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio. É uma lei minha também o dia municipal, a gente colocou na mesma data. A nossa equipe vai estar no Centro de Porto Alegre, realizando uma ação de visibilização, de conscientização da prevenção do suicídio, entregando *folders* com informações sobre saúde mental. Então é um problema grave de saúde pública que nós temos que estar falando sobre isso, tenho certeza de que o Alan vai trazer alguns dados que são alarmantes sobre a questão no suicídio. Mas vou falar só um pouquinho sobre o Setembro Verde, Presidente, que é uma outra pauta também tão importante. Na verdade, nós estamos no mês de Setembro Amarelo e Setembro Verde, o mês da Pátria, mas o Setembro Verde é a questão do incentivo da doação de órgãos. E aqui está

também conosco o Dr. Alan Lanzarin, do 9º Tabelionato, e ele certamente vai estar comentando, falando sobre a central notarial de doação de órgãos. Isso é uma coisa muito importante para ser dita, porque hoje qualquer cidadão, no solo gaúcho, pode procurar um tabelionato e fazer a sua escritura pública, registrando o seu desejo de doação de órgãos. Eu mesma fiz, isso é algo inovador, começou no ano passado. Eu mesma fiz a minha escritura, é mais uma forma de sensibilizar a família sobre a doação de órgãos. E aqui nós temos um paciente que logo mais vai falar sobre a questão da espera da doação de órgãos. E se a gente for pensar nessas duas pautas, nós estamos falando sobre valorização da vida, sobre o incentivo à vida. Então esse trabalho que os tabelionatos fizeram, essa central de doação de órgãos é muito importante, Dr. Alan, gostaria que o senhor falasse bastante sobre isso, porque isso é conhecimento, isso é informação de utilidade pública, como se diz, e hoje qualquer cidadão pode procurar um tabelionato e fazer a sua certidão com esse registro que quer doar os órgãos. Então, para não me estender, quero agradecer a presença de todos os nossos convidados que estão aqui, o público que nos assiste, desejar uma boa reunião para todos.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Nós montamos um pequeno seminário e nós temos tempo cronometrado para que todos consigam falar. Eu vou começar pela nossa organização aqui, mês de incentivo e a conscientização sobre a importância de doação de órgãos, Casa de Passagem São Lucas, tem cinco minutos para fazer a sua apresentação.

SRA. ELISÂNGELA GROSS FLIEGNER: Pode até ligar. Bom dia, eu sou a Elisângela, sou a coordenadora da Casa de Passagem São Lucas, a casa hospeda pessoas que vêm para Porto Alegre em busca de um tratamento de saúde qualificado, que basicamente é transplante de órgãos. A Casa tem 22 anos, ela se mantém com doações, e o nosso público é basicamente do Norte e Nordeste. Então nesses 22 anos eu já acompanhei muita gente que vem para transplante de órgãos e o quanto essa busca é demorada. Atualmente a gente

tem uma senhora que está na Casa há seis anos, esperando o transplante de pulmão, e, na semana passada, há 14 dias ela teve que internar, foi entubada, mas está se recuperando, porque a demora é muito grande. Então é muito importante a divulgação do que os cartórios, os tabelionatos fizeram, essa campanha. Eu sou doadora desde que eu me conheço por gente, muito antes de me imaginar trabalhar numa casa que pudesse acolher. A gente tem que incentivar muito isso, e em todos os lugares que eu vou, eu procuro falar que sejam doadores, falem com as suas famílias, nas escolas. A gente às vezes recebe grupos de estudantes e eu digo para comentarem isso com os seus pais. Houve um outro evento aqui na Câmara, no ano passado também, onde eu conversei com uma mãe que doou os órgãos do filho, e só doaram porque o menino tinha falado disso em casa com a família. Então, quando o assunto aparece em casa, na hora da doação, ele acontece. Também tem uma outra questão – os médicos e as doutoras também podem ver –, que é a qualificação dos profissionais na hora da captação, quanto essa qualificação é importante na hora em que tu abordas um familiar e o desfecho do familiar. Eu estive presente em duas situações bem complicadas na hora da doação, onde a gente ficou lado a lado com a família. A gente olha a felicidade de familiares que estavam recebendo a doação, e do outro lado as pessoas que estavam doando. Fica difícil, porque a gente está numa expectativa, imagina, seis anos, o Carlos está aqui acompanhando a esposa dele, que já faz mais de dois anos, estão em Porto Alegre aguardando transplante. Tu chegas e “Bah! Consegui!”, mas do lado a pessoa está chorando porque perdeu um ente querido. Então também tem que tomar esses cuidados na hora de fazer a abordagem, o quanto tem que ser importante e cuidadosa.

SR. CARLOS MARQUES: Bom dia, embora vivenciemos a Semana da Pátria, um mês tão visto pela questão do verde e amarelo voltado para essa questão, ele também é tido, seu simbolismo, para duas questões primordiais, que é o dia 10, hoje, dito pela questão do Setembro Amarelo, para os cuidados da saúde mental e contra o suicídio. O lema deste ano, pelo que eu já pude observar, é:

“Se precisar, peça ajuda”, que é fundamental para o cuidado dessa causa. Não muito distante disso, também temos o Setembro Verde, que é celebrado dia 27 deste mês, onde temos a questão também fundamental voltada para a doação de órgãos e tecidos. Nesse sentido, eu venho como acompanhante em busca de cuidados de minha esposa, Martha Jerussa, que há 15 anos já vem trabalhando a questão do tratamento da saúde renal crônica, com nefropatia crônica. Já está em seu terceiro transplante, e, ao longo desse período, a casa de passagem para a qual a gente acaba vindo de outro estado na busca de tratamento médico para os nossos familiares, sem ela não seria tão fácil a nossa vida do dia a dia, no cuidado e na busca do cuidado aos nossos entes queridos. É fundamental garantirmos apoios necessários para essa manutenção, por quê? Além da distância geográfica dos nossos familiares, na busca de cuidado de nossos entes queridos é fundamental também a parceria, neste momento, como a Casa de Passagem São Lucas, que nos acolhe de forma adequada, garantindo um atendimento crucial para a demanda do atendimento da saúde que nós viemos buscar. É claro que no Brasil inteiro nós conhecemos a necessidade de recursos fundamentais para poder tratar essas questões, a gente verifica várias questões como auxílio e programas, como, por exemplo, o TFD; nós só viemos para Porto Alegre porque entramos num programa chamado TFD, que é o Tratamento Fora de Domicílio, que nos garante o traslado e um recurso para poder manter a alimentação e essas coisas todas. Acredito que movimentos como esses possam enaltecer – como acabei de descobrir do colega do tabelionato –, movimentos como esse são fundamentais para garantir que todos aqueles que nos cercam tomem conhecimento de que a doação de órgãos é fundamental, assim como é fundamental saber do problema do outro, como a questão do Setembro Amarelo. Se realmente precisar, peça ajuda, é algo necessário para a continuidade do tratamento da saúde pública, que vivenciamos, hoje em dia, um momento tão conturbado quanto nós vemos na questão do trato e da conscientização do cuidado do paciente. Muito obrigado.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito obrigada. Central notarial, vamos falar de como se registra a doação de órgãos. O Sr. Alan Lanzarin está com a palavra.

SR. ALAN LANZARIN: Bom dia a todos; quero cumprimentar todos da Mesa, em nome da Ver.^a Tanise, quero parabenizar todos por essas conversas, essa escritura saiu, talvez, por uma conversa dessas, esses convênios talvez tenham saído de uma conversa dessas.

Vou tentar ser breve e fazer um histórico, mais ou menos, de como aconteceu. A gente já tinha formas de a pessoa declarar que era doadora. Geralmente colocavam no testamento vital, diretrizes antecipadas de vontade. Colocar isso nas escrituras, já tinha. O que acontece? Isso não estava compilado em algum lugar, isso era esparso, e às vezes a pessoa nem sabia, e quando a pessoa falecia, às vezes não dava tempo de ir atrás disso, quando se via já enterrou. Perdia-se o órgão. E aí foi construído através de convênios, aqui, no Rio Grande do Sul, começou em 2007. Começaram as primeiras conversas – Tribunal de Justiça, a secretaria de saúde – a respeito de como melhorar esse trânsito dessas informações, porque o grande problema da doação de órgãos é que as pessoas ficam com dúvida. Quando o parente falece, eles se perguntam: “Será que ele era doador, será que ele não era?” Tem aquela dúvida e, nessa dúvida, a pessoa opta por não doar. O parente opta por não doar. A escritura pública veio justamente para isso, que daí está claro isso para a pessoa e como a central tem acesso a essa central de escrituras... “Olha, não sei se a pessoa te falou, mas agora ela declarou isso num cartório, foi até um tabelionato e declarou que é doadora de órgãos.” E isso melhoraria essa desinformação do ente, da pessoa que ficou. Em 2022, conseguimos assinar a primeira escritura pública de doação de órgãos aqui no Estado do Rio Grande do Sul, só o Rio Grande do Sul. Foi feito um convênio com o Tribunal de Justiça, MP, a secretaria de saúde em que a secretaria de saúde, a Central de Transplantes têm o acesso a essa central – a Central Notarial de Doação de Órgãos – e que consegue visualizar: “Olha, tem uma escritura feita por essa pessoa.” Para abordar já o parente com isso; se a

pessoa dizer que não, que não sabia, você já entrega a escritura. Então foi em 2022 a primeira, tem uma central. Só que, para você ver como que a questão é, Tanise. Você falando sobre isso, você trazendo visibilidade a isso, isso transforma, isso reflete, tanto é que refletiu ao nível nacional hoje. A gente começou aqui no Rio Grande do Sul em 2022. Neste ano, março de 2024, o Conselho Nacional de Justiça baixou um provimento, o [Provimento nº 164](#), agora a central é nacional, é no Brasil todo hoje, não é mais o Estado do Rio Grande do Sul somente. O Estado do Rio Grande do Sul, ele foi o pioneiro nisso, ele deu visibilidade a isso...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. ALAN LANZARIN: Isso, de modelo a toda terra, e isso hoje é em nível nacional e de forma eletrônica. A pessoa nem sequer precisa ir a um tabelionato, ela entra no *site* do e-notariado, ela pode entrar pelo *site*, aí ela vai fazer o cadastro lá e aí vai digitar o CEP dela. O CEP dela vai abrir o leque de cartórios mais perto da casa dela. Aí vai fazer uma videoconferência e lá ela pode optar também: “Ah, eu quero doar coração...” Tem fígado... “Ah, isso aqui eu não quero”. Talvez por um motivo religioso. “Ah, esse órgão não quero”, ou algo nesse sentido. Ou você pode baixar um aplicativo também do e-notariado e você faz, através de *smartphone*, esse pedido, aí o cartório vai te ligar, vai fazer uma videoconferência contigo e tu tens essa declaração de doador de órgãos, isso em nível nacional, não precisa mais ser do Rio Grande do Sul. E hoje a central, aí eu não sei como funciona a questão da central nacional, se é interligado ou não, mas essa central nossa é interligada. Então o Brasil todo fica sabendo de todos os doadores de órgãos hoje através dessa central.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Doutor, qual é o endereço? Porque estamos numa transmissão ao vivo, para a comissão é importante.

SR. ALAN LANZARIN: E-notariado. Eu não sei se pode colocar no telão, consegue entrar na internet aqui?

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): O endereço que o cidadão queira ser doador: e-notariado.

SR. ALAN LANZARIN: Pode colocar no Google: <https://www.e-notariado.org.br/>. A gente já faz esse exercício aqui agora. (Pausa.) A grande questão é essa, precisa ser comentado, precisa ser falado. Novamente quero parabenizar por essas comissões. Tem que ser falado, as pessoas precisam saber.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): O e-notariado, ele apresenta o tabelionato, no seu Estado ou do município?

SR. ALAN LANZARIN: Do município. Você vai fazer o cadastro. Ali está a AEDO – Autorização Eletrônica de Doação de Órgãos, o que é a AEDO, como funciona, o passo a passo de como fazer a AEDO. Pelo e-notariado, você consegue entrar na AEDO, tem o *link*. Explica tudinho como funciona, e você faz isso de forma eletrônica: ou pelo *site* ou pelo *smartphone* também, baixando o aplicativo do e-notariado. Para terminar a fala então, vereadora, eu quero parabenizar novamente. Como o Carlos comentou, isso precisa ser comentado, as pessoas precisam saber. A gente tinha, a gente tem culturalmente que não vai fazer uma escritura de doação de órgãos, porque na hora que eles veem que é doador... Geralmente é no RG, né. “Ah, na hora em que eles veem que eu sou doador, eles vão me matar para pegar os órgãos”. Essa é uma coisa totalmente... É uma fantasia, e aí, quanto mais você consegue explicar isso e dizer como que não existe isso, porque automaticamente a pessoa está ali, não vão pegar aquele órgão ali na hora, não faz nem sentido. Só que essas informações precisam ser passadas, e é muito interessante isso. E as escrituras começaram justamente numa comissão dessas, numa conversa, e hoje é realidade em nível de Brasil. Hoje, todos os cartórios estão aptos a fazerem as escrituras de doação de

órgãos; e isso é de forma digital, a pessoa não precisa nem sair de casa, é só ter um *smartphone* e acesso à internet. Obrigado, gente.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito bem.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Posso fazer outra pergunta? Olha só, doutor, nós estamos falando de um cidadão que entra no *site* e faz a doação. E quando a pessoa é menor de idade?

SR. ALAN LANZARIN: Quando é menor, precisa dos pais.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Aí são os pais que fazem a doação?

SR. ALAN LANZARIN: São os pais. Com o menor é a mesma forma de fazer os outros atos notariais, você precisa da assistência dos pais.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Mas precisa ter, é claro, a vontade do...

SR. ALAN LANZARIN: O menor tem que ter a vontade. Isso. Os pais não. É só o menor, mas tem que ter a assistência dos pais.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Está *ok*.

SRA. ELISÂNGELA GROSS FLIEGNER: Só uma outra observação, e também, Alan, por mais que a pessoa procure e faça esse registro público, vamos dizer assim, continua valendo a vontade da família, não é?!

SR. ALAN LANZARIN: Isso. Essas escrituras, essa declaração é uma forma de convencer aquele familiar e sensibilizar que existia a vontade de ser doador, mas isso não muda. Tem uma lei federal que determina que quem autoriza são os familiares lá, mais próximos. Então, esse é um instrumento de convencimento

para aquele que não sabe, não sabia, “Ah, não sei se era ou não era”. Então, é só instrumento de convencimento.

SRA. ELISÂNGELA GROSS FLIEGNER: É importante dizer que é sem custo, não é?!

SR. ALAN LANZARIN: É sem custo. É gratuita a escritura a nível de Brasil. Não custa nada. Pode revogar a qualquer momento. “Ah, desisti. Não sou mais doador.” De forma gratuita também você vai lá e revoga, no mesmo formato que você fez, você revoga.

SRA. ELISÂNGELA GROSS FLIEGNER: Eu já fiz a minha. Apresentei em tribuna inclusive.

SR. ALAN LANZARIN: Eu também já fiz a minha.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): O Sr. Vilmo, da ANPPT – Associação Nacional de Pré e Pós-Transplantados – está com a palavra.

SR. VILMO DE TOMAS: Bom dia a todos. Bom dia, vereadores. Eu sou Vilmo, da Associação Nacional dos Transplantes – ANPPT. Como o nome já diz, nós somos uma associação nacional com sede em Porto Alegre, e agora que o colega aqui falou no dia 10, me chamou a atenção esse dia. Porque hoje faz 19 anos e um mês que eu recebi um rim de um doador cadáver. Eu sou transplantado renal nesse período. Eu fiquei em fila de transplantes durante três anos, e nesse período eu fiz hemodiálise em Porto Alegre. E naquela época, Porto Alegre e a nossa estrutura eram referência nacional. De lá pra cá, muita coisa se perdeu nesse período. Então, no ano passado a gente resolveu retomar a associação porque, em números absolutos, há em torno de 50 mil pessoas na fila de transplante no Brasil hoje. E eu estou aqui com um *print* do jornal Folha de São Paulo desta semana, se eu não me engano é de ontem, que diz

exatamente assim: “Três mil morrem por ano, no Brasil, na fila de espera dos transplantes.” É muita vida. Três mil. Já é uma pequena guerra. Então, o nosso objetivo, como associação, é trazer essa fila para uma espera de três meses. Essa é a nossa meta. Não é uma meta fácil, será necessária a união de muitas associações. Nós temos como parceira agora a Unisinos, que abraçou a causa junto com a gente na semana passada. Então eu venho aqui fazer um apelo para todos, outros de nós gostaríamos de estar presentes nesta reunião, mas nem todos têm a mesma condição de saúde que eu, duas pessoas importantes da associação que deveriam estar aqui não puderam estar, uma porque está hospitalizada e a outra está impossibilitada, em casa. Então eu estou aqui fazendo essa representação e trazendo a mensagem da associação. Eu sou diretor da associação. Essa é a minha fala. Muito obrigado.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Dando continuidade, entramos no mês dedicado à prevenção ao suicídio, e, no final, eu passo a palavra para a Prefeitura, depois de todas essas apresentações. Sobre o mês dedicado à prevenção do suicídio, passo a palavra para Arlei Weide.

SRA. ARLEI WEIDE: Bom dia. Em nome do CVV, eu agradeço o convite para participar deste momento tão importante. Eu sou Arlei Weide, atualmente sou voluntária do CVV em Porto Alegre e coordeno a regional gaúcha do CVV, que agrega outros nove postos, dentro do Estado do Rio Grande do Sul, com mais de 200 voluntários, quase 300 voluntários trabalhando no Rio Grande do Sul. E para falar da importância do dia 10 de setembro, que é uma data emblemática no mundo inteiro, quando se chama a atenção para a necessidade de prevenir o suicídio em si, e aí, nos últimos dez anos tem-se trabalhado para expandir o alcance do dia 10. Nós entendemos, no Brasil inteiro, que é necessário repercutir ações não só no dia 10 de setembro, que é uma data emblemática, sim, que é uma data que por muito tempo trouxe uma luz de uma situação que, por muitos anos, ficou escondida. Por muitos anos, falar de suicídio era tabu, e aí as pessoas que tentavam o suicídio, ou mesmo os familiares que sobreviviam ao

suicídio de um ente querido acabavam se sentindo julgados, acabavam se sentindo, mais uma vez vitimizados por todo um estigma que se cria em relação à visão que se tem do suicídio. Visão de que a pessoa que se suicida é fraca, enfim, uma série de julgamentos que causam ainda mais dificuldades e medos. Então, o dia 10 foi um dia marcado mundialmente para chamar a atenção dessa situação, da gravidade da incidência, do tamanho do problema que nós temos em mãos. E o Setembro Amarelo surgiu de um grupo de organizações que gostaria de trabalhar isso durante um mês inteiro, e hoje já se fala em trabalhar isso durante o ano inteiro, porque há necessidade. Hoje, a cada 40 segundos, uma pessoa se suicida. E isso, em números, é algo assim que é absurdo. E se tem dados científicos de pesquisa da Unicamp de que o pensamento suicida, que é a ideia de acabar com o sofrimento em si – normalmente quem se suicida não quer se matar, ele quer acabar com o sofrimento, quer acabar com aquela dor que ele não sabe lidar. Então, tem dados já de que essa ideia é muito mais comum, pode acontecer com qualquer um de nós que não tenha condições de vislumbrar uma saída para as suas dificuldades, para os seus medos, para as suas angústias e suas dores. Então, essas organizações criaram esse movimento, e hoje é um movimento disseminado no Brasil inteiro, cada organização pode fazer a sua ação, chamar a atenção da sua forma. O tema que o CVV escolheu para o mês fala muito de como o CVV trabalha, o tema é: Cuidar Aproxima as Pessoas. Então, como que se oferece alternativas para a ideia do suicídio? É cuidando das pessoas. E o CVV faz isso nos últimos 62 anos no Brasil, oferecendo escuta, capacitando voluntários para que eles possam ser os mensageiros do acolhimento. Então, qualquer pessoa que pegar um telefone e ligar para o 188 vai encontrar um voluntário lá preparado para fazer uma escuta, um acolhimento e ajudar a pessoa a desabafar, a falar das suas dores, das suas angústias, das suas necessidades, enfrentando dessa forma a ideia que tanto o angustia. Ainda temos um longo caminho a percorrer, hoje, no Brasil, o CVV tem em torno de 3.500 voluntários trabalhando, mas ainda não é suficiente, porque nós temos fila de espera. Então, nós estamos sempre capacitando, sempre tem um curso em algum lugar do Brasil acontecendo e com, agora, a facilidade

digital, esse atendimento pode ser feito em casa, de forma remota, pelo computador, de forma protegida, sigilosa. Então, nós temos também o compromisso com quem liga de que esse acolhimento, que essa fala da pessoa que liga vai ser respeitosa, vai ser sigilosa, vai ser anônima, que aquilo que se fala para o voluntário não vai ser falado em outros momentos, em outros lugares. Então, o serviço de divulgação do CVV tem esse papel de fazer as pessoas saberem que há essa disponibilidade, mas, ao mesmo tempo, de sensibilizar pessoas como qualquer um de nós, pessoas comuns a poderem se agregar nesse trabalho, porque acolher todos nós podemos – né? –, cuidar todos nós podemos. E cada um de nós também, como cidadão, precisa descobrir a sua estratégia de cuidado – né? –, de não deixar o copo encher e chegar lá naquela última gota que transborda, de criar estratégias de cuidado, mecanismos de cuidado. E quando precisar, como o colega já falou – né? –, busque ajuda, procure os serviços que estão à sua disposição, e, de forma alguma, descuide da sua saúde mental, do seu cuidado com a sua saúde. Muito obrigada, e o CVV está sempre à disposição.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito obrigada. A Dra. Cristina Tietzmann, médica, psiquiatra, presidente da APRS, está com a palavra.

SRA. ANA CRISTINA TIETZMANN: Bom dia todos e todas. Então, eu não sei se estão ouvindo bem. Eu vou começar falando aqui, mas depois acho que talvez eu tenha que levantar ali para... Eu quero agradecer muito o convite da Ver.^a Tanise. Acho que eu vou levantar para ficar mais perto aqui do... Quero agradecer o convite, são sempre importantes esses espaços para falar de um assunto que a gente já tem falado muito mais do que se falava, mas que ainda precisa de muita visibilidade, porque é um tema muito complexo. Eu estou aqui representando a associação de psiquiatria do Rio Grande do Sul, e eu também sou funcionária do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, sou preceptora da residência em psiquiatria ali.

Eu trago essa frase só para colocar que esse questionamento de se “a vida vale ou não vale a pena” é algo que pode acompanhar o ser humano ao longo de toda essa trajetória. E é muito importante a gente saber que esse questionamento que leva as pessoas a cometerem o suicídio pode estar influenciado, como a colega falou, pela dor, pode estar influenciado pela doença mental, pela falta de perspectiva, pela falta de dignidade. Então, ele realmente é uma questão filosófica que cada um acaba fazendo ao longo da sua vida, mas que a gente sabe que tem formas de modificar essa visão. Quem trabalha com psiquiatria está tratando, muitas vezes, a doença, mas também está ajudando as pessoas a buscar perspectiva, a buscar sentido na vida e propósito, além de poder aprender a lidar com seus problemas. Em última instância, quando a gente está fazendo prevenção ao suicídio, a gente está fazendo isso, fazendo com que a pessoa possa valorizar mais a vida do que o caminho da morte. O que acontece muitas vezes é que a gente não consegue chegar a tempo. E falar em prevenção de suicídio é isso: encontrar essas estratégias para chegar a tempo e modificar um desfecho que é tão trágico. A gente já sabe que é um problema de saúde pública muito evidente. Este gráfico é muito impactante, porque traz os dados mundiais de suicídio. Ao longo do ciclo vital, esse eixo aqui de baixo representa a idade das pessoas que cometem suicídio, e as colunas são divididas entre azul claro e azul escuro. O azul claro representa os suicídios ocorridos em países de baixa e média renda, enquanto o azul escuro representa os suicídios ocorridos em países ricos. Então, o que a gente vê é um grande número de suicídios entre jovens de países pobres e de média renda. E por quê? Uma das hipóteses é que esses jovens acabam ficando, muitas vezes, sem perspectivas ou sem propósito. Tem também a questão da doença mental, que é um fator muito importante, e a questão do acesso à saúde, do acesso aos cuidados de saúde. Então, a gente vê que, no mundo, os jovens dos países pobres estão se suicidando mais. O próximo *slide* mostra que a principal causa de suicídio é a depressão. No Brasil, temos muitos dados, a gente tem muita coisa. Esse aqui é um artigo, publicado agora em 2024, com dados colocando que existe realmente um aumento nas tendências de autolesão no Brasil, e que realmente são adultos,

jovens, homens e idosos. Assim, a gente tem essa população de risco mais marcante: pessoas jovens e pessoas idosas. Esses dados são impactantes: para cada suicídio completo, ocorrem 20 tentativas. Muitas vezes, as pessoas tentam o suicídio ao longo da vida e, em algum momento, acabam conseguindo, mas a tentativa de suicídio é um sinal de alerta; ela é um sinal de que tem alguém sofrendo e pedindo ajuda. Para cada pessoa que se suicida, os estudos mostram que seis outras pessoas vão ser afetadas, ou seja, aquelas que têm relação com a pessoa que cometeu suicídio. Essas pessoas que estão ligadas ao suicídio também acabam adoecendo, aumentando a vulnerabilidade para doenças mentais. A gente tem, então, um aumento nas tentativas de suicídio, na depressão, no uso de substâncias, nas dificuldades financeiras, no transtorno de estresse pós-traumático, além de culpa, impotência, frustração. A gente precisa também estar atento aos sobreviventes. Quando ocorre um suicídio, a gente tem que cuidar dos sobreviventes, porque eles também estão em risco.

E aí surge a grande questão: é possível prever ou prevenir o suicídio? E a resposta é sim. A gente já tem muitos estudos mostrando isso. Hoje em dia, a gente entende esse fenômeno do suicídio estudando o que chamamos de suicidalidade. A gente sabe que a pessoa passa por fases em que pode começar com pensamentos de morte, sem pensar em formas de cometer o suicídio – só a vontade de morrer, que é o primeiro estágio. Isso pode evoluir para a ideação suicida, em que a pessoa vai começar a pensar em tomar uma atitude para que a morte aconteça, mas isso fica só no plano do pensamento, que a gente chama de ideação. A partir de um momento, a pessoa pode começar a fazer planos suicidas. Isso é diferente de uma pessoa, por exemplo, que pensa em suicídio, como: “Eu gostaria de me matar”, mas ela não tem um plano para isso. Quando a pessoa começa a planejar e construir um plano, isso está mais adiante nesse espectro ou nesse caminho; então, isso é mais grave, até o momento em que a pessoa pode realmente tentar o suicídio. Então, a tentativa de suicídio é um preditor importante de gravidade e realmente não pode passar despercebida.

A gente vê muito adolescente tentando o suicídio para ver se alguém está olhando para ele ou se tem alguém que se importa. Às vezes, o adolescente

tenta o suicídio e ninguém fica sabendo, até que ele vai tentar de uma forma mais grave daqui a algum tempo. Então, essa escalada também acaba acontecendo se a gente não faz nada, se a gente não olha para aquilo. Aquela tentativa é um ato desesperado, até que o último estágio é realmente o suicídio consumado. Nessa linha aqui, temos muitos passos e muitas formas de ajudar, desde a pessoa que começa a ter pensamentos de morte até a pessoa que já tentou suicídio; temos muitas formas de intervenção.

Trazendo o que a colega havia falado, este aqui é o Dr. Botega, um pesquisador brasileiro importante, que fala sobre aquela quantidade maior de pessoas que têm um pensamento suicida e uma quantidade um pouco menor de pessoas que chegam a planejar; as pessoas que chegam a fazer tentativa e, assim, naquele topo da pirâmide são as pessoas que vão chegar no pronto atendimento, que vão chegar a algum tipo de atendimento. Quando a gente tem aqueles dados de pessoas que foram atendidas no sistema de saúde, a gente está olhando para aquele topo da pirâmide, embaixo tem uma grande quantidade de pessoas que estão por aí com esse tipo de sofrimento; é aí que a gente tem que estar atento e saber ouvir os sinais. Desde 2014, a Organização Mundial da Saúde já tem um grande relatório em que a prevenção do suicídio se tornou um imperativo global, então, a partir disso começam as campanhas do Setembro Amarelo e tal. É um imperativo global para todas as pessoas que estão envolvidas em cuidados de saúde, essa questão, e para toda a sociedade, na verdade. Aqui, mostrando que a gente já tem muitos fatores de risco identificados, formas de proteção e de intervenção. Aqui, só para mostrar o dado aquele: que as mulheres cometem mais tentativas, buscam mais ajuda, e na adolescência isso acontece com mais frequência; e os homens acabam concretizando mais o suicídio, usam métodos mais letais, e são 75% dos suicídios. Então, ser homem é um dos fatores de risco para suicídio. Por quê? Porque os homens adoecem e não procuram ajuda. Os fatores mais importantes de risco para suicídio, quando a gente está, vamos dizer, avaliando uma situação: histórias de tentativas anteriores, transtorno mental, doenças psiquiátricas e aquela combinação fatal de depressão com o uso de substâncias. Isso corresponde a 90% dos casos de suicídio. Então, a

gente tem que pensar que tratar a doença mental, tratar a depressão é a principal ação de prevenção de suicídio. Esses aqui são os quatro Ds que a gente tem que ficar atento. Aqui tem uma lista de todas as intervenções que podemos fazer para prevenir suicídio. Quando a gente fala em prevenção, estamos falando em intervenções universais, que podem ser feitas para a população toda, independentemente se tem ou não transtorno mental; intervenções seletivas e intervenções indicadas. A gente vai poder ter intervenções no nível individual, da pessoa, no nível dos relacionamentos, da comunidade, da sociedade e dos sistemas de saúde. Esse diagrama vale ouro, porque, para quem trabalha com gestão, está tudo aqui. Uma das coisas em relação ao sistema de saúde: as barreiras de acesso ao tratamento, e em termos de sociedade, acesso aos meios, por exemplo, liberação de acesso a armas de fogo. Isso é fatal. Aqui, falando da importância da equipe de saúde, então, depois o pessoal vai falar do sistema de saúde. Os pacientes normalmente buscam o sistema de saúde antes de cometer uma tentativa, a gente só tem que estar atento. A gente tem muito material disponível para as pessoas se informarem. Esse aqui é o mais recente, do pessoal do Ministério da Saúde, após os desastres. É isso. Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito obrigada. Dra. Chris Allves, do Hospital Psiquiátrico São Pedro, está com a palavra.

SRA. CHRIS ALLVES: Bom dia. Sou diretora do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Hoje, atendemos em média 47 mil pessoas, só do Município de Porto Alegre, no nosso ambulatório. Nós trazemos a grande importância da instituição para a cidade e também para o Estado, porque o Estado hoje é referência para 5 milhões de pessoas, de 88 municípios. Então, como assistente social e diretora do Hospital Psiquiátrico São Pedro, nos dedicamos diariamente na construção de um ambiente de acolhimento e cuidado. O Setembro Amarelo nos convida a refletir profundamente sobre a importância da saúde mental e a prevenção do suicídio, mas essa reflexão precisa ir além do mês específico, ela deve fazer

parte do compromisso contínuo com a vida e o bem estar de todos. No hospital São Pedro, sabemos que cada pessoa carrega suas próprias batalhas, muitas vezes, silenciosas e invisíveis. Por isso, estamos constantemente aprimorando os nossos serviços, com o objetivo de oferecer um espaço seguro, onde cada indivíduo possa ser ouvido e tratado com carinho, com respeito e dignidade. A saúde mental é tão importante quanto a saúde física, e não podemos substituir o impacto e o apoio emocional psicológico na qualidade de vida. Queremos ir além, tratar as feridas da mente. Nosso objetivo é construir pontes para aqueles que sofrem e não se sintam sozinhos. O isolamento é o estigma, o preconceito e, ainda, barreira enorme para muitos que lutam contra a depressão e outras doenças mentais. Por isso, reforçamos a necessidade do diálogo, da compreensão, empatia em nossas práticas e no nosso cotidiano. Não há vergonha em pedir ajuda. O nosso papel é garantir que todos saibam da existência, das portas abertas e das mãos estendidas para acolhê-los. Este é o momento de incentivar a sociedade e se unir na luta pela saúde mental. Vamos nos comprometer aqui, vereadores, com uma escuta ativa, um acolhimento e com a valorização à vida. O Hospital São Pedro está aqui para reafirmar a prevenção e o possível, cada gesto de cuidado, solidariedade para fazer a diferença na vida de alguém. Acreditamos que, com ações concretas e promoção do ambiente saudável e seguro, podemos transformar o sofrimento em esperança e vidas em novas histórias de superação. Muito obrigado. Parabéns a esta Mesa.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Obrigada, Cris. A Sra. Marta Fradique, da Coordenação da Saúde Mentas – SMS, está com a palavra.

SRA. MARTA FADRIQUE: Bom dia a todos. Em primeiro lugar, agradecer muito esse espaço e essa comissão por podermos dar destaque a esse momento, a este mês tão importante que a gente tem na cidade pensando em questões de saúde mental, no País e no mundo, que é o Setembro Amarelo. Agradeço muito poder ter escutado, primeiro, as colegas que foram chamadas também para a

Mesa, porque isso já traz uma ilustração e um conteúdo fundamental para que esse tema se organize, no sentido de fundamento, encaminhamento e como as coisas na gestão também acontecem.

Falando da Secretaria Municipal de Saúde, como gestão de saúde mental, é interessante porque, quando eu estive na outra reunião da COSMAM, em abril ou em maio, era ainda *online*, nós estávamos num outro momento da cidade e o lugar da saúde mental era completamente diferente. Eu estou há 23 anos na Prefeitura, 15 anos na saúde, e, desde que entrei na saúde, trabalhando com saúde mental em equipes especializadas de atendimento a crianças, adolescentes e adultos, nunca tinha vivido um momento como esse. Hoje nós estamos há três meses depois do que vivemos na nossa cidade, que é um momento simbólico importante, passam dos noventa dias. E uma das questões mais significativas, a partir do que nós já vivemos em matéria de gestão, é o lugar que a saúde mental vem ocupando hoje em dia na cidade, na mídia, na gestão, em todos os espaços. porque nós nos demos conta, como sociedade, como cidade, de que era fundamental poder pensar sobre isso, de maio para cá principalmente, e Setembro Amarelo vem coroar esse momento na minha visão. O mais importante, a partir de tudo que já foi dito, pensando em todos os riscos, a manifestação que a gente precisa colocar em relação ao cuidado com os alertas em relação ao suicídio, acho que nesse momento um dos mais importantes está na prevenção mesmo. A Ana Cristina trouxe um elemento importante, que é a ponta da pirâmide, ela fala de quem chega nas emergências, nos prontos atendimentos, de onde estão todas as outras pessoas que têm alguma ideia, que, algum momento, têm estado num momento crítico na sua vida e que começam a achar que não têm mais saída. Elas estão nas unidades de saúde, elas estão nas equipes especializadas de atendimento, elas estão, às vezes, até ligando para o CVV, dependendo do seu momento, elas estão em atendimento no São Pedro, nos ambulatórios do São Pedro também. Nós, como rede, como gestão trabalhando com uma rede de saúde mental, precisamos estar atentos a todos os lados. O que mais nós temos tentado e conseguido trabalhar, como intervenção em relação à saúde mental da cidade no momento,

é nas unidades de saúde. É um momento muito bonito de ver o quanto nós conseguimos investir e colocar profissionais da saúde mental nas unidades de saúde, em projetos que começaram de uma forma inicial, surpreendente, ali no início das enchentes, e que agora se tornaram política de saúde mental, que são colegas da psicologia e da psiquiatria iniciando atendimento junto com os profissionais das unidades de saúde, porque a unidade de saúde é o lugar onde todo mundo chega com todas as suas demandas, todas as suas dificuldades clínicas, todas as suas questões.

Então, poder trabalhar num enfoque preventivo de saúde mental, para que a gente tenha cada vez menos necessidade de ter o atendimento emergencial, é o mais importante, não só por uma questão de gestão e de custos, mas também pelo sofrimento que a gente sabe que as pessoas carregam e seguem na sua vida, até chegar a ter um atendimento de pronto atendimento numa tentativa de suicídio. Trabalhar na Atenção Primária tem sido a forma que a gente tem buscado cada vez mais para que se tenha uma população mais amparada em relação às suas questões de saúde mental. Por outro lado, a gente também sabe que alguma porcentagem da população vai precisar de atendimento especializado e isso nunca vai deixar de acontecer, a gente entende que faz parte de uma rede de atenção psicossocial. Então, sim, nós temos também um investimento bastante claro já colocado na ampliação do número de CAPS de atendimento na cidade, principalmente CAPSi, que é a nossa maior demanda no momento. Já estão com terreno, já estão com organização, com planejamento e com custos bem adiantados, três CAPS que nós temos para implantação: um CAPSi na Zona Sul, mais para o Extremo-Sul, porque é uma região com mais dificuldade de acesso ao resto da cidade, outro CAPSi na Lomba do Pinheiro, também já está num processo bastante avançado de organização, das equipes de planejamento e projeto; e um CAPS AD no Morro Santana. Todos esses são CAPS 3. E o CAPS AD três também, na região do Morro Santana, com terreno também já destinado. T

Quando a gente olha para a nossa rede de atenção psicossocial, a gente enxerga essas duas extremidades de acordo também com a proposta, que é

preconizada pelo Ministério da Saúde, como foco de atenção em saúde mental. CAPS é uma estrutura, é uma organização que já existe há muitos anos no País e que tem a sua efetividade bastante evidente, bastante construída. Pensando na necessidade de que todo trabalho de saúde mental seja territorial, nós sabemos que as pessoas precisam ser escutadas e acolhidas no seu sofrimento ali na unidade de saúde, que é onde elas vão chegar primeiro. Então, são os dois extremos de um processo que a gente precisa poder cobrir melhor para poder abranger de uma forma um pouco mais eficiente toda a nossa necessidade de atendimento na cidade.

No Setembro Amarelo também, para ir concluindo, a gente tem, nesse momento, capacitações sendo dadas, sendo propostas para os nossos profissionais, muito no sentido de que a gente percebe um aumento de demanda, de trabalho preventivo em relação ao suicídio de crianças e adolescentes, que se faz nesse momento fundamental. Então tem sido aí uma das nossas maiores buscas de investimento para capacitar as nossas equipes e os nossos profissionais da Atenção Primária. E também participando e tentando divulgar, como na COSMAM, mas em outros momentos, na grande mídia, em todos os espaços que a gente pode, falando sobre esse tema, como tem acontecido este mês, que tem sido algo muito bonito de ver. O Setembro Amarelo muito forte, muito amplo em todos os espaços, em todos os jornais, e a gente agradece muito por esses espaços também. Obrigada.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito obrigada, eu passo a palavra agora à Ver.^a Cláudia.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Bom dia a todas e todos. Cumprimentar a Ver.^a Tanise, pelas duas pautas, que são fundamentais, importantíssimas. A gente fala todo ano, mas é importante a gente falar todo dia, como disse o nosso amigo, a gente tem que estar sempre trazendo esse tema, porque realmente são temas que levam vidas. A gente precisa discutir e falar sobre isso. Cumprimentar as minhas colegas, Ver.^a Lourdes e Ver.^a Mônica. Eu

queria dizer que eu perdi muitos amigos por suicídio, muitas pessoas queridas. Que quando a gente... “Morreu de quê?” “Bah, se enforcou; bah, tomou remédio.” E muitas são as causas, não é só a depressão, a depressão é uma das causas, uma das maiores causas, porque ela é silenciosa. A gente acha que a pessoa está bem, que a pessoa está tranquila, e quando a gente vê, a pessoa se matou. E a gente não conseguiu, muitas vezes, entender que ela estava pedindo socorro, então por isso é tão importante também a questão do CVV. E também as questões financeiras, que matam demais. E por que os homens se matam mais do que as mulheres? Porque os homens normalmente são quem mantém o financeiro, ou da casa ou da empresa, e muitas vezes essa é a saída para resolver o problema da família. Então, infelizmente, é complicado.

Eu acho, eu sempre falo, que a gente precisa voltar a ter – tu como representante aqui da saúde – especialistas nos postos de saúde. Isso é muito importante, para mim isso é fundamental. Hoje nós temos os hospitais lotados, por quê? Porque nós não temos os especialistas para resolver o problema lá na ponta. Tu mesma disseste que o posto de saúde é extremamente importante. E por que a gente não tem especialista? Por que a gente não tem psiquiatra? A Ver.^a Tanise tem um projeto dos psicólogos nos postos de saúde. E um psiquiatra no posto de saúde, um ginecologista no posto de saúde, um pediatra no posto de saúde, isso tudo é muito importante, porque a gente, muitas vezes, consegue resolver na base, no começo da história consegue fazer um acompanhamento. Quando eu ouço a gente falar que está tudo lindo, que está tudo maravilhoso, que todo mundo tem acolhimento, que todo mundo tem atendimento... Eu trabalho direto com a área da saúde, eu sou uma vereadora que a bandeira principal é a saúde, e a verdade não é essa, a realidade não é essa, a vida real não é essa. Na vida real, a gente precisa muito mais do que a gente está conseguindo oferecer, e a gente sabe que a gente tem um teto, que a gente tem um orçamento, que a gente muitas vezes gostaria de fazer coisas que a gente não tem como fazer, mas a gente precisa conseguir avançar. Os especialistas nos postos, eu acho que é uma das soluções para a gente poder melhorar essa questão.

Eu gostaria muito de fazer uma visita no São Pedro, porque os relatos que eu tenho não são de que tudo é muito maravilhoso, e sim que precisa de muito auxílio. Então eu acho que é importante, depois das eleições, nós, como comissão – eu queria deixar isso como encaminhamento –, fazer uma visita no São Pedro e ver a realidade do São Pedro, como é feito, como é o atendimento, porque eu acho que tem condições de fazer mais. Eu acho que tem espaço para fazer mais, eu acho que o governo do Estado pode fazer mais, e a gente acaba ficando limitado muitas vezes ao atendimento. Isso a gente vê na ponta, quando a gente recebe uma criança que está com problema na saúde mental, quando a gente recebe alguém que está tentando se suicidar, e a gente não tem local para internar, a gente não tem um local para acolher essas pessoas. Quantos leitos nós temos de saúde mental para criança hoje no Município de Porto Alegre? O mínimo. Nós temos muitas crianças com problemas. E a gente viveu uma pandemia onde as pessoas perderam suas vidas, seus familiares, milhares de pessoas, onde a saúde mental das pessoas ficaram extremamente abaladas. Nós tivemos uma enchente agora onde as pessoas perderam tudo. E vamos sofrer isso ali na frente, nós vamos passar de 3 mil pessoas a cada 42 segundos, porque as pessoas estão impactadas, as pessoas estão ainda sob o efeito da tragédia, mas ainda não caíram na vida real. Vão cair, nós vamos precisar muito mais desse atendimento.

Eu queria dizer que eu sou doadora, Dr. Alan. Eu fiz aqui uma campanha, na Câmara, há um ano e meio, dois anos, nós trouxemos um cartório aqui e muitas pessoas se cadastraram para serem doadoras de órgãos, porque eu acho que isso é extremamente importante. Infelizmente, as pessoas morrem por não ter doador, e nós temos milhares de pessoas que morrem todos os dias e que poderiam ser doadoras, então isso é lamentável.

Eu queria deixar também, para encerrar, Ver.^a Lourdes, como sugestão para nossa representante da saúde, eu sei que isso não é fácil, mas eu acho que o CVV tinha que fazer parte da Secretaria de Saúde. Nós tínhamos que ter contrato direto com o CVV para ele fazer um trabalho, porque são voluntários. São

peessoas se doando para ajudar o próximo, elas tinham que estar dentro da Secretaria de Saúde. Muito obrigada.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): A Ver.^a Mônica Leal está com a palavra.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Bom dia, colegas da Mesa, as pessoas que estão nos assistindo aqui, presencialmente, bem como através da transmissão pela TVCâmara, o assunto é extremamente importante e me deixa preocupada, com uma confirmação que eu tive, através da manifestação da Dra. Ana Cristina, psiquiatra, quando colocou aqui, através de dados, que é a segunda causa morte entre 15 e 29 anos. Isso é gravíssimo; no passado nós não tínhamos esse aumento. Eu, como jornalista, tenho o hábito de pesquisar muito para entender do assunto. E foi exatamente, preocupada com este aumento, que eu tenho aqui, aumento de 45%, nos últimos anos, de suicídio, entre jovens, que eu fiz um projeto, que hoje é lei, sobre a educação digital. A tecnologia, nós sabemos, é ótima, ela pode nos ajudar muito, mas ela pode atrapalhar muito, ela pode inclusive promover coisas muito sérias, como o suicídio. Nós acompanhamos isso. Então, hoje é lei na cidade de Porto Alegre, que foi a primeira capital a ter uma lei em 2022, da educação digital, que tem como objetivo mostrar para as crianças e jovens, não só os benefícios, mas os riscos da internet. Então, trabalha muito essa questão de cidadania de *cyberbullying*. Eu penso que é importantíssimo focar nessa questão das crianças. Aqui, vejam, depressão está crescendo entre jovens, mas o aumento da incidência entre jovens é preocupante, Dr. Polanczyk, especialista em crianças e adolescentes, explica que o recorte de idade é significativo. “Além da tristeza: especialistas alertam para outros sintomas da depressão” – matéria publicada pela CNN Brasil agora, em setembro de 2024. Segunda causa de morte, confirma o que a senhora disse aqui, de 15 a 29 anos. Segundo dados da vigilância da saúde, divulgado pelo Ministério da Saúde, em setembro de 2022, entre 2016 e 2021, houve um aumento de 49,3% nas taxas de mortalidade de adolescentes de 15 a 19 anos,

isso é muito preocupante, é muito grave. Então essa é uma questão que nós devemos focar. E a Tanise, que trouxe a pauta, que é especialista na matéria – eu penso, Tanise, que seria extremamente importante incluir como prioridade nossa, esse desespero dos jovens, adolescentes. Eu, como jornalista, inclusive estou promovendo um debate sobre isso; até vou convidar as pessoas que estão aqui porque é extremamente preocupante – a nossa capital tem um aumento muito grande, entre as crianças e jovens. E nós sabemos que é cada vez mais cedo. Então a minha a minha colaboração nessa questão foi justamente a lei de educação digital, para que essas pessoas, para que as crianças e jovens entendam que fazer *bullying* com os colegas pode ser fatal, porque a criança entra em desespero. Isso já é matéria conhecida pelo mundo inteiro. Parabéns pela pauta, extremamente importante, assim como também a pauta da doação de órgão, quero dizer que eu estou às ordens, sempre disponível aqui, como vereadora no quarto mandato. Obrigada.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): A Ver. Psicóloga Tanise Sabino está com a palavra. Faço um registro, agradecer a presença do Alexandre Sartori, do Conselho Regional de Farmácia, que vem sempre prestigiar as reuniões da Comissão de Saúde e Meio Ambiente.

VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Eu quero agradecer a presença aqui de todos, dizer que essa pauta foi proposta por mim e pela Ver.^a Lourdes também, nós duas juntas, dizer que esses dois temas, o Setembro Amarelo e o Setembro Verde são dois temas que impactam a saúde pública, como foi colocado aqui, mas também que impactam as nossas vidas no dia a dia. Quero agradecer as contribuições valiosas de cada um que esteve aqui nessa reunião; são dois temas, interessante isso, são dois temas que nós precisamos quebrar os preconceitos. Falando do Setembro Amarelo, por exemplo, a prevenção do suicídio, tem muito preconceito ainda. As pessoas acham que quem realizou um suicídio é falta de Deus, é falta de fé na vida, é um ato de coragem, é um ato de covardia, que quem quer se matar, se mata e não

avisa. Então, assim, ainda tem muitos preconceitos. Isso tudo são falas preconceituosas, que nós precisamos combater. A mesma coisa também com o Setembro Verde, que é o incentivo de doação de órgãos. Ainda tem muitas falas fantasiosas, preconceituosas. Às vezes têm fantasias, assim: “Será que a pessoa realmente morreu, será que ela não vai voltar a viver? Por isso que eu não sou doadora de órgãos.” Ou então, se eu sou doadora de órgãos, “tenho medo de ser doadora porque podem acelerar meu processo, se eu me internar, se eu ficar doente, vão... Vão me matar de uma vez para pegar meus órgãos.” Então, isso tudo são fantasias. Esses preconceitos, a gente tem que discutir e debater mais. Então, precisamos de ações. Acho que aquele quadro, a Dra. Ana Cristina colocou as ações a nível de comunidade, a nível de saúde pública, pessoais. Precisamos investir nessas ações e avançar nessa discussão. E também a nossa coordenadora da saúde mental aqui, não falou das eMultis, achei que iria falar das equipes multidisciplinares que vão ter em breve, aqui nos postos de saúde. Eu também me somo a tua causa, Ver.^a Cláudia Araújo, os postos de saúde têm que ter especialistas, como psicólogos, como psiquiatras, outros especialistas, e as eMultis, que em breve vão ter ainda este ano, segundo Fernando Ritter, dez 10 equipes eMultis. Então, acho que isso vai contribuir bastante. Muito obrigada a todos.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Bem para os encaminhamentos finais. Essas nossas pautas, minha e da Ver.^a Psicóloga Tanise, foram bem explicativas, mas ainda faltaram dois convidados, que nós ouvimos falar, mas não puderam comparecer, sobre toda a operacionalização na doação de órgãos, a importância da rapidez, toda a necessidade que tem do transporte, como se faz; porque é importante as pessoas saberem, de imediato, o encaminhamento. Fica para a próxima, é uma pauta muito extensa; mas quero agradecer a todos, realmente a parte do suicídio prende bastante, porque é algo que sempre... Cada um de nós tem um amigo, tem um familiar que encurtou a vida, e a Ver.^a Cláudia falou dos motivos, que são tantos, “ah, adoeceu”, “parecia que estava bem”; às

vezes, um problema, uma perda, um luto. Tudo isso hoje tem que ser computado nos riscos do suicídio.

Sobre os especialistas, Ver.^a Cláudia, certamente, eu também sou apoiadora do retorno – a gente observa tanta necessidade de especialidades. A pessoa tem que entrar na fila da inscrição, ir para uma UPA; a UPA enviar para um hospital. Antes de eu concluir aqui, eu me lembrei que você pediu um tempo, o Município quer fazer uma explicação. Então, da minha parte, eu vou fazer só os encaminhamentos, mas, antes, eu vou ouvir a Prefeitura aqui.

SRA. MARTA FADRIQUE: Obrigada. Acho que faltou esse detalhe da eMulti. Eu até coloquei na fala ali que tem especialistas hoje, mas acho que números ajudam bastante. Hoje, em Porto Alegre, nós temos 35 psicólogas já, antes até dessas eMultis, psicólogos e assistentes sociais já atuando em Atenção Primária em Saúde. Principalmente, nós colocamos essa primeira parte, essa primeira equipe muito concentrada nos lugares onde nós tivemos, então, a maior necessidade pelas enchentes. Então, hoje, já temos 35 psicólogos e assistentes sociais trabalhando nas unidades; mesmo as unidades que estão com as portas fechadas, estão todas atuando. A gente colocou carreta, colocou tenda, então, onde está a unidade de saúde, tem psicólogos e assistentes sociais já atuando, justamente para a gente trabalhar na prevenção. E, a partir de 16 de setembro, então, começam essas equipes, temos a ordem de início, que vão ter 200 horas de psiquiatra e mais de 600 horas de psicólogo, pensando na saúde mental, mas, além disso, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, nutricionista e educador físico na Atenção Primária, nas unidades de saúde, que são as eMultis, que é uma forma um pouquinho diferente do que a gente tinha antes com o profissional atendendo na unidade, porque agora se compõe uma equipe que trabalha de uma forma mais integrada. E também é importante colocar que essa equipe faz atendimento individual, mas ela também trabalha com grupo, também trabalha com orientação aos profissionais que já estão na unidade de saúde. Então é um momento novo, não só na saúde mental, mas na Atenção Primária, de repor, de poder contar novamente com algumas especialidades – que não são

necessariamente só médicas, mas têm também – que nós percebemos, ao longo do tempo, que estão sendo necessárias a essa população, porque a saúde vem ocupando um espaço na vida das pessoas. A saúde também é um espaço onde as pessoas se encontram, então também os grupos funcionam muito nesse sentido. Educador físico na unidade de saúde tem sido uma experiência muito legal. Então, sim, esse é o caminho da gestão da saúde mental daqui para a frente; por isso, toda a parte da concepção técnica colocada de que a saúde mental precisa estar, inicialmente, reforçada na Atenção Primária. Obrigada.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Como é que faz essa divisão por região? Se tu tens 35 profissionais hoje, mas tu tens quase 130 postos de Atenção Primária, como é que tu divides?

SRA. MARTA FADRIQUE: Esses primeiros 35 foram onde nós tivemos mais alagamentos mesmo, foi uma ação muito importante para poder ajudar as pessoas a trabalharem com os primeiros cuidados psicológicos, a lidarem com as reações esperadas pós-enchente; então eles estão muito concentrados na região norte, tem também nas regiões oeste e leste. Nas ilhas, como parte, ali – é bem importante o trabalho que tem nas ilhas.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Na Zona Sul também, no Lami nós tivemos muitas perdas.

SRA. MARTA FADRIQUE: Verdade. E essas dez que vão começar agora são mais equilibradamente distribuídas por um momento novo na cidade, nós temos uma grande concentração na região leste, vamos continuar na região norte, mas aí também bastante na região sul, no Extremo-Sul – neste momento, com essas com duas dessas dez –, e na região oeste também – Glória, Cruzeiro e Cristal. Então, essas dez, nós fizemos uma distribuição que abranja uma parte geral da cidade, mas onde havia mais vulnerabilidade. E o nosso objetivo é de que se

amplie esse número – claro, aí são objetivos que ficam para outros momentos, ficam para outros anos de trabalho.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Nós trabalhamos com as terceirizadas, e isso pode estar em um regramento para que se tenha...

SRA. MARTA FADRIQUE: Exatamente. Então esse é o caminho apontado, não tem outra forma, ele precisa do reforço do CAPS, mas ele também precisa do reforço na Atenção Primária, que é onde as pessoas chegam, onde as pessoas conseguem o melhor acesso. É uma escuta bem importante dessa demanda da sociedade que a gente tem tentado fazer.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Pois bem, Marta, eu fico bem satisfeita, já na outra reunião fiquei sabendo que o educador físico está nessas equipes, que foi uma lei que eu aprovei pós-pandemia, a pedido das academias, dos educadores, porque fechou tudo. E, assim como psicóloga é importante, o educador físico também. Dizer para o secretário Ritter que está lá o meu projeto, já aprovado aqui, para a inclusão de médico veterinário em determinadas regiões para combater as zoonoses, para aquele atendimento de primeiros socorros. Já passou aqui. Eu encontrei o secretário lá e disse “olha, tu estás me devendo uma demanda”, que é a de incluir na equipe de Saúde da Família.

Quanto aos encaminhamentos, então, vamos fazer uma visita ao Hospital Psiquiátrico São Pedro – já estive lá antes da pandemia. Foi muito importante a nossa reunião desta comissão. O retorno dos especialistas aos postos de saúde também é um encaminhamento nosso; e o CVV, como voluntários, que possam se agregar à Secretaria Municipal da Saúde. Agradeço a todos, até uma próxima oportunidade. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 11h37min.)